

1. ESTUDO DO SER AFRODESCENDENTE E SUA AUTO-AFIRMAÇÃO NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS ESTADUAIS: PRESIDENTE VARGAS E ROSA CÂMARA, NO MUNICÍPIO DE DOURADOS/MS

2. Nome: Luana Gabrielle dos Santos Oliveira (orientanda)

3. Nome: Zélia Ramona Nolasco dos Santos Freire (orientadora)

4. RESUMO

Este projeto tem como objetivo principal notificar e ouvir, alunos afrodescendentes do Ensino Médio das Escolas Estaduais: Presidente Vargas e Rosa Câmara, no Município de Dourados/MS, com o objetivo de pesquisar a existência ou não do preconceito racial e demonstrar e analisar a maneira como o preconceito racial é explicitado no ambiente escolar. Após essa etapa, analisar-se-á o perfil psicológico destes alunos levando em conta outros fatores externos como a classe social, faixa-etária, constituição familiar, religião, entre outros. Os resultados obtidos desta pesquisa fornecerão subsídios aos professores para buscar métodos de conscientização dos alunos sobre o racismo e, automaticamente, sobre a aceitação do outro. Pois, na escola é o lugar primordial para essas discussões ocorram e no quais assuntos e temas polêmicos devem ser tratados. Para tal terá como base os teóricos Alberti e Zamboni, principalmente.

5. INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil pode-se perceber o preconceito, aqui interpretado como todas as maneiras discriminatórias e exclusivas executadas levianamente a outrem. Um exemplo, dos mais discutidos pela sociedade acadêmica em todo o território nacional, é o do afrodescendente, alvo explícito de preconceito racial, em todos os ambientes. Conforme o estudioso Oliveira (1994), tornou-se comum, jovens de etnia afro serem analisados não pela sua capacidade de aprendizado e sim pela cor da pele e por quanto dinheiro possuem.

O papel do professor é fundamental na formação do caráter étnico do aluno, uma vez que este passa a trabalhar valores de convivência social. Cabe a ele dentro do ambiente escolar trabalhar e estabelecer critérios de socialização para que este aluno não

venha a sofrer preconceito em relação a sua raça ou posição social. Com este intuito procura-se mostrar que é possível que este possua manter sua identidade étnico-cultural indiferente do meio em que se encontra tendo como base teórica metodológica o estudo dos autores Alberti (1989) e Zamboni (2007).

O retrato do negro no Brasil vem sendo (re) avaliado através das décadas e tem agora, com a História Cultural, grande contribuição em análises e discussões com um novo enfoque de acordo com o discurso do senso comum, o negro é posto como pobre e sem estudo. Interessante confrontar essa premissa com os dados do ultimo censo em que a porcentagem de pessoas de origem africana gira em torno de 44,3%. Entretanto, como o brasileiro tem ainda em seu subconsciente a “ideologia do branqueamento” (já superada nas discussões acadêmicas), muitas das pessoas contem traços fenótipos do negro, ao responderem os quesitos do recenseamento, negam tais características, vindo a determinar uma estatística que não reflete, de fato, o perfil étnico-racial do brasileiro. Isto nos permite suor ser índice bem superior ao indicado.

Assim, a grande ironia nacional é de fato de os afrodescendentes serem discriminados como uma “minoría” quando, na verdade, constituem um grupo cujo o numero atinge quase a metade ou mais da metade da população brasileira. O personagem do adolescente negro com poucas condições de alcançar uma universidade publica é um cenário massacrante. A identidade cultural do individuo é nitidamente desprezada, ao ponto deste passar a negar sua própria raça e se acomodar com a difícil condição social em que se encontra. O movimento social de afrodescendentes vive um momento de “densidade infinita”, um ponto singular. Nelson Rodrigues foi citado na interface do livro de Ferreira (2009).

Não caçamos pretos, no meio da rua a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós tratamos com cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite. (FERREIRA, 2009)

É de essência fundamental mostrar ao individuo suas raízes culturais num país miscigenado como o Brasil. Dentro de uma sala de aula encontram-se afrodescendentes, brancos e indígenas de classes sócias distintas, em uma escola pública esta mistura é bem latente e nítida.

Com as ferramentas da História Oral é permitido entender o que se passa com os afrodescendentes do Ensino Médio, levando em conta ainda como o indivíduo se comporta com a sua condição de negro no Brasil e como é tratado. Como já foi dito por Oliveira (1994), o Brasil está submetido a “ideologia do branqueamento” sendo que o homem de origem africana e seus valores foram sistematicamente associados a qualidades negativas do europeu, já antes mesmo do “descobrimento” do Brasil e do processo de colonização mantendo-se até hoje.

A discriminação de cor é a manifestação comportamental do preconceito racial, aqui considerado como um julgamento de valor, não espontâneo nem hereditário, construído culturalmente e destituído de base objetiva, desenvolvidos através da socialização. Racismo é a categoria usada como prática da desvalorização da identidade, opondo-se ao direito de cada indivíduo a viver segundo um enraizamento comunitário. O preconceito racial, no Brasil foi criado a partir de dois grupos - uma política e economicamente dominante que assumiu uma concepção de mundo considerada superior e estigmatizou o outro grupo, neste caso, o dos não brancos, caracterizando-o como de qualidade inferior, crença que passa a ter a função de justificar a dominação sobre ele. Concomitantemente, à medida que o grupo dominado passa a compartilhar as crenças sobre si mesmo e se submete à dominação, o processo passa a ser legitimado. Para Florestan Fernandes (1978), o preconceito de cor é uma categoria histórico-sociológica construída pelos “brancos” e é, em larga medida, compartilhada pelos próprios “não brancos”.

Para superar a visão simplista de serem os problemas relativos às pessoas afrodescendentes restritos à questão da cor da pele e as características físicas, comumente associadas ao preconceito e a discriminação, e para poder compreender melhor como esses processos são desenvolvidos e alimentados, considero importante aprofundar em pesquisa como essas pessoas desenvolvem e lidam com as características raciais e étnicas de sua identidade no ambiente do Ensino Médio.

Podemos ver ainda que será possível formar um padrão de conhecimento psicológico do aluno, vindo a descobrir se este conhece suas raízes raciais e sociais. Dados mostram que 5% dos 9.744 alunos pesquisados nas escolas públicas urbanas estaduais e municipais de Salvador, Belém, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal afirmam ter sido vítimas de rejeição e discriminação por causa da cor

da pele. Esse percentual cresce para 13% quando os alunos se identificam como negros. Isso indica, segundo a pesquisa, que os negros são os que mais se destacam ao assumir que sofrem preconceito por causa da cor.

O ambiente escolar é um local que exerce influencia intelectual e cidadã sobre um indivíduo, vindo a afetar a formação da identidade dos alunos. Identidade a qual é definida pelos comportamentos atitudes e costumes de um indivíduo e se modifica com a convivência entre sujeitos, ou seja, se constrói tendo o *Outro* como referencia (GOMES, 1996). Por conseguinte, o fato de o tema da diversidade étnico-racial não ser abordada na sala de aula, acarreta na não-valorização da pessoa negra pela sociedade, contribuindo para que os alunos negros percebam as suas diferenças como aspectos negativos. Conforme Gomes (2001):

O processo de construção da identidade”[...] é um dos fatores determinantes da visão do mundo, da representação de si mesmo e do outro. Além disso, ocorre que a identidade do adolescente está, continuamente, em construção, podendo ser afetada por nosso meio social, ou seja, é formada ao longo do tempo e não algo inato, existente na consciência desde o momento do nascimento. Assim, ela permanece sempre incompleta, está sempre sendo formada, numa interação entre o eu e a sociedade e modifica num dialogo continuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem(GOMES, p.88, 2001).

É de extrema importância que se proporcione aos alunos reflexões acerca da racismo e da discriminação, uma vez que se percebe que a sociedade brasileira, no geral, ainda despreza a existência da diversidade étnico-racial, podendo influenciar positivamente, na formação da sua identidade, de modo a conduzi-lo a uma valorização das diferenças. Os alunos que não tiveram a oportunidade de refletir acerca do tema da diversidade étnico-racial em sala de aula, entendem o racismo como a discriminação e, relação a pessoas com deficiências e/ou com diferentes opções sexuais, mostrando que há uma confusão na distinção entre a compreensão de racismo e de discriminação. Em outras palavras, o “trabalho” com a diversidade étnico-racial, possibilita aos alunos que reflitam sobre a importância de respeitar e, acima de tudo, entender a formação da diversidade étnico-racial de nossa sociedade.

Pressupõe-se que exista a necessidade de formar professores preparados para o trabalho com a diversidade étnico-racial em sala de aula, de forma a não silenciar diante de situações de racismo e, além disso, capazes de formar um aluno que respeite as diferenças e trate cada ser humano como único e importante dentro de seu meio social.

6. OBJETIVOS

Objetivos Gerais

Avaliar o modo como a escola e, em particular os professores e alunos, agem em seu contexto cultural, de modo a (re) produzir os processos discriminatórios e racistas presentes na sociedade.

Determinar as características psicológicas resultantes do processo de formação do sujeito sócio-cultural escolar nos alunos afrodescendentes do Ensino Médio, nas Escolas Estaduais e Rosa Câmara, no Município de Dourados.

Objetivo Específico

Diagnosticar os conflitos existentes entre os adolescentes afrodescendentes no Ensino Médio e, posteriormente, elencar possíveis soluções para os problemas identificados.

7. METODOLOGIA

Com base nos estudos da História Oral, em Alberti e Zamboni, será elaborado o perfil dos alunos afrodescendentes no Ensino Médio em escolas estaduais da rede pública na cidade de Dourados. Partindo de uma perspectiva da história oral, a pesquisa terá cunho cultural, ou seja, abordará as questões socioculturais referentes ao ensino e à afirmação étnica dos alunos afrodescendentes em formação nestas escolas.

8. RESULTADOS

Até o momento foram recolhidos dados socioeconômicos de 15 alunos das escolas públicas Presidente Vargas e Rosa Câmara, entre garotos e garotas de 14 a 20 anos.

Foram analisados os conceitos de cada em relação à sua auto-afirmação de ser afro descendente. Foi visto que de 15 alunos só 8 se julgam afro descendentes, enquanto os outros 7 se julgam brancos, mulatos e morenos claros. Foi constatado também que os alunos que se julgam negros em sua grande parte têm melhores condições financeiras. Pode ser visto também que a auto-afirmação do ser enquanto a cor de sua pele vem da educação dada pelos pais que passaram conceitos de raça desde pequeno aos filhos.

9. DISCUSSÃO

O presente projeto está agora adentrando a segunda parte das atividades de acordo com o cronograma. Disponibilizei um questionário socioeconômico a todos os alunos para que eles respondessem questões de ordem pessoal. A discussão e análise dos dados tiveram como base os questionários respondidos pelos alunos e também por conversas realizadas com o grupo de alunos afrodescendentes. Os questionários foram respondidos nos dias 15 e 21 de outubro na escola Presidente Vargas e 19 e 28 de novembro na escola Rosa Câmara.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alberti, V. 1989. **História Oral: A Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro De Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, FGV Editora.

Cavaleiro, E. 2001. Educação Anti-Racista: Compromisso indispensável para um mundo melhor. In: Cavalleiro, E. (Org.). **Racismo e Anti-racismo na Educação: Repensando Nossa Escola**. São Paulo: Selo Negro Edições.

Ferreira, R. F. 2009. **Afro-descendente: Identidade em Construção**. 2ª reimpressão. São Paulo: EDUC: Rio de Janeiro: Pallas.

Gomes, N. L. 1996. Escola e Diversidade Étnico-Cultural: Um Diálogo Possível. In: Dayrell, J. (Org.). **Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: UFMG.

Gomes, N. L. 2001. Educação Cidadã, Etnia e Raça: O Trato Pedagógico da Diversidade. In: Cavalleiro, E. (Org.). **Racismo e Anti-racismo na Educação: Repensando Nossa Escola**. São Paulo: Summus.

Oliveira, I. M. de. 1994. **Preconceito e Autoconceito: Identidade e Interação na Sala de Aula**. Campinas: Papirus (Coleção magistério. Formação e trabalho pedagógico).

Rosemberg, F. ; Bazilli, C. ; Silva, V. B. da. 2003. **Racismo no Livros Didáticos Brasileiros e seu Combate: Uma Revisão da Literatura**. Revista Educação e Pesquisa, v.29, n.1, p. 125-146.

Triumpho, Vera Regina (Org.). **Rio Grande do Sul: aspectos da negritude**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.

Zamboni, e. 2007. **Memória, História Oral e Razão Histórica**. Itajaí: Editora Maria do Caís.

Williams, Chancellor. *The destruction of black civilization*. Chicago: Third Word Press, 1974.